IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

A ESCOLA COMO MAQUINARIA UNIVERSALIZANTE E A PRODUÇÃO DE SUJEITOS DIANTE DE UMA GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL: GÊNERO E SEXUALIDADE EM PAUTA

Eixo Temático 52 - GÊNERO E SEXUALIDADE EM FOCO: INTERSECCIONALIDADE E DESAFIOS DE POPULAÇÕES MARGINALIZADAS E ESTIGMATIZADAS

Sibelly Martins Miranda [1]
Vithoria Garcia Lima[2]
Rai Vitor Gonçalves Moreira Lima 03 [3]

RESUMO

O presente trabalho surge a partir dos resultados adquiridos em um trabalho de conclusão do curso de pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande. Onde buscou-se identificar de que forma o Estado contribui para a evasão escolar dos sujeitos, bem como os pontos de inferência dos mecanismos de poder no contexto social em que os entrevistados estavam inseridos. A fim de esmiuçar uma das problemáticas emergentes, este artigo tratou de discutir acerca do sentimento de não-pertencimento de alguns sujeitos escolares, resultado observado através de uma pesquisa narrativa (Larrosa, 1996) com participantes que de alguma forma distanciam-se da norma (Foucault, 1975). Sob o campo epistemológico pós-estruturalista, tem como objetivo discutir de onde surge e a quem interessa o sentimento de não-pertencimento dos sujeitos dentro da instituição escolar. Assim, foi possível perceber que a escola atua como uma maquinaria universalizante (Henning; Ferraro, 2022), em prol de uma governamentalidade neoliberal (Dardot, 2021), onde busca a padronização dos corpos para serem agentes de serviço e consumo, conduzindo a conduta dos homens. Durante as análises, foi possível perceber que o contexto familiar e socioeconômico em que os indivíduos em idade escolar estavam inseridos durante o processo de abandono escolar, teve papel fundamental na contribuição do desempenho escolar de todos os sujeitos, além da influência atrelada às questões de gênero e sexualidade, que será destacada neste trabalho. Todos esses fatores estavam sinergisticamente atrelados. Embora as relações de poder não estejam localizadas em uma única instituição, mas em todas as esferas sociais, a escola atua como uma parte fundamental desta trama, atuando e conduzindo principalmente nas discussões que abarcam gênero e sexualidade.

[1] Mestranda do Curso de Pós Graduação em Educação/PPGEDU da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, sibellymiranda@gmail.com;
[2] Mestranda no curso de Pós Graduação em Psicologia/PPGPSI da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, vithoriagarcia@gmail.com;
[3] Graduando pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, raivitorlima@gmail.com;

Palavras-chave: Pertencimento, Escola, Diferença, Subjetivação.

INTRODUÇÃO

Esse artigo tem como objetivo destrinchar uma problemática que surge a partir de uma pesquisa acerca da evasão escolar, proveniente de um trabalho de conclusão de curso da graduação de pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande. O trabalho de conclusão de curso buscou entender de que forma o Estado contribui para a evasão escolar dos sujeitos, identificando como as relações de poder operam na constituição das identidades desses sujeitos e no processo de subjetivação. Assim, através de uma análise narrativa, foi possível identificar os pontos de inferência dos mecanismos de poder no contexto social em que os entrevistados estavam inseridos.

Dentre os resultados adquiridos, foram selecionados 3 eixos analíticos que mais se fizeram presentes na fala dos participantes, sendo eles: o primeiro a respeito do trabalho do cuidado, onde as participantes compartilharam algumas questões relacionadas ao cuidado, e como essas questões afetaram seu desempenho e permanência na escola. Dentre elas, cuidar da casa, auxiliando desde pequenas na organização do ambiente, dos irmãos mais novos e dos filhos quando se tratava de gravidez na adolescência. O segundo é a gravidez na adolescência, onde foi problematizado o maternar, o corpo da mulher e os papéis sociais que envolvem criar filhos. E, o terceiro sobre relação socioeconômica, onde foi compartilhado acerca da necessidade de trabalhar concomitante aos estudos, o sentimento de não pertencimento quando se trata de juventude, grupos sociais e culturais em uma sociedade líquida, como bem discute Zygmunt Bauman (2007) em *Vida para o consumo*. A partir dos eixos, surgiram outras subcategorias que envolviam as questões de gênero e sexualidade.

METODOLOGIA

Os caminhos metodológicos deste trabalho seguiram uma análise documental, recorrendo às contribuições de Laurence Bardin (2016), que aborda a análise de conteúdo, tratando-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica e de natureza interpretativa, que teve, como objetos de análise, um documento produzido em 2024, tratando-se de uma pesquisa narrativa gerada a partir de um trabalho de

conclusão do curso de pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, intitulado *A CONTRIBUIÇÃO DO ESTADO DIANTE DA EVASÃO ESCOLAR: AS RELAÇÕES DE PODER E OS PROCESSOS CULTURAIS EM JOGO.*

Assim, seguindo a Análise de Conteúdo, à qual estabelece e delineia a condução da análise dos dados, que é composta por três fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados e interpretação (Bardin 2016, p. 96). Considerando esse processo analítico, dentre as diversas temáticas discutidas no trabalho original, optamos por discutir acerca da produção dos sujeitos no campo escolar, de forma geral, sem aprofundar os resultados obtidos dos sujeitos específicos da pesquisa, mas em um contexto global.

Sendo assim, destacamos a potência da pesquisa documental, pois

> [...] Envolve a seleção de fatos a partir de documentos. Perguntas, hipóteses ou ideias gerais funcionam como dispositivos de seleção de fatos e dão origem à interpretação obtida a partir da análise documental. A avaliação envolve a interpretação da análise de fatos e a Análise Documental é um dos métodos de análise de dados que leva à interpretação (Caulley, 1983, p. 19).

Dessa forma, este trabalho buscou selecionar e discutir ideias gerais decorrentes do trabalho referente, trazendo um recorte das ideias centrais atrelando as discussões no campo do neoliberalismo, produtividade e governamentalidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora as relações de poder não estejam localizadas em uma única instituição, mas presentes em todas as esferas sociais, provocando ações em diversos campos como suscita Foucault no livro *Microfísica do poder* (1979), consideramos que a escola possui um papel fundamental na organização das tramas da governamentalidade (Henning; Ferraro, 2022), sendo um importante agente na constituição dos sujeitos, no processo de subjetivação e construção de suas identidades, tendo em vista que ‘’a escola é a única instituição social que, pelo caráter de obrigatoriedade, dispõe de um público sempre presente’’ (Barbosa, 2007; p. 1073), além disso “a escola é, depois da família, a instituição de sequestro pela qual, todos passam o maior tempo de suas vidas, no período da infância e da juventude” (Veiga-Neto, 2005, p. 85). Nesse sentido, uma parte expressiva da sociedade frequentou, frequenta ou frequentará esse espaço durante boa parte de sua vida (ou deveria, nos termos de obrigatoriedade de matrícula), tomando um

espaço e tempo (muitas vezes maior que o da família) considerando o modelo de períodos integrais) significativo na construção de suas experiências.

Partimos do conceito de *norma* (Foucault, 2001) em que Michel Foucault oferece uma compreensão do conceito que se afasta das definições tradicionais. Trata-se de um conjunto de regras ou leis impostas externamente à sociedade. Para ele, a norma não é apenas uma instrução explícita ou um comando formal, mas algo que é internalizado e se torna parte das práticas e dos comportamentos cotidianos, ela se manifesta de forma tão discreta que é como se sempre estivesse ali, inerente ao sujeito.

Dessa forma, a escola nos é entendida como uma maquinaria (Varela; Alvarez-Uria, 1991), produzindo corpos dóceis e disciplinados, aptos para produzir. Ela vai, cotidianamente, investindo na fabricação de um dado sujeito, imiscuído nas relações que se estabelecem, nos embates e na modelagem de um tipo particular de sujeito (Teixeira; Henning, Vieira, 2021). Pautada epm uma sociedade regida pelo neoliberalismo, que instaura uma cultura universalizante, mas que também produz diferenças, e qual o lugar dessas diferenças que discutiremos a seguir.

Para exemplificar isso, Dardot e Laval vão dizer que o neoliberalismo é uma forma particular de racionalidade governamental que consiste em submeter todas as esferas da atividade humana à lógica da concorrência, da competitividade e da eficiência. Para eles, o neoliberalismo não é apenas uma política econômica, mas sim um conjunto de práticas e discursos que moldam e governam a sociedade. (Dardot, Laval, 2016)

A norma, para Foucault, é o resultado de um processo de normalização que está intimamente ligado ao poder. Em sua análise, especialmente nos textos sobre disciplina e biopoder, Foucault argumenta que as sociedades modernas não impõem o controle apenas por meio da violência direta ou da repressão explícita, mas por meio da normalização dos comportamentos. Ou seja, o poder não se manifesta de forma visível ou coercitiva, mas na forma de práticas que moldam as formas de ser, agir e pensar.

No entanto, nos perguntamos: o que acontece com aqueles que, apesar de todos os esforços dos mecanismos de controle, ousaram criar formas outras de existir? Os que distanciam-se dos padrões normalizantes? Em uma perspectiva neoliberal, que objetiva capturar, docilizar e disciplinar os corpos em prol da produtividade, sobretudo na escola, são vistos como “incorrigíveis” o povo dos ‘anormais’ (Gros, 2018, p. 6) [grifo

do autor). Entende-se por incorrigível o indivíduo incapaz de se submeter às normas do coletivo, de aceitar as regras sociais, de respeitar as leis públicas.

> São os estudantes turbulentos, preguiçosos, incapazes de seguir ordens; [...] desleixados, embromadores, os marginais recalcitrantes, [...]. O indivíduo incorregível é aquele diante do qual os aparelhos disciplinares (a escola, a Igreja, a fábrica…) [...] continua incapaz de progresso, inapto para reformar sua natureza e superar seus instintos (Gros, 2018, p. 6).

De acordo com Silva (216, p. 138)

> O projeto educacional da Modernidade baseou-se no afastamento entre o homem e a natureza, alegando que o processo civilizador se daria ao seguir novas pautas de conduta. Essas novas pautas de conduta funcionavam segundo a imagem idealizada de um homem extremamente diferenciado dos animais, tendo em vista que, ao negar seu lado selvagem, caótico, afetivo, o indivíduo estaria se aproximando lentamente de um estado de nobreza e superioridade racional. Do mesmo modo, o indivíduo cuja rotina funcionasse distanciada das regras de conduta definidas pela elite social como verdadeiras deveria ser classificado como desviante e, ou seria excluído dos benefícios da integração social, ou seria capturado pelas instituições filantrópicas ou educacionais para aprender o jeito certo de se viver, de se apreender o mundo, de se relacionar com os outros seres.

Sob essa lógica, refletimos sobre o sentimento de não pertencimento daqueles que não se enquadram nas expectativas e normas sociais, os desviantes, desajustados, que não possuem as características de um grupo *hegemônico* (Gramsci, 2002). Sejam elas étnicas, raciais, de gênero, sexualidade ou classe social. Durante as análises, foi possível perceber que essas características não aparecem de forma isolada na narrativa dos sujeitos, estando elas sinergisticamente atreladas, impactando diretamente o desempenho escolar dos sujeitos.

A partir disso, refletimos sobre a *interseccionalidade*, termo que surge nos primeiros anos do século XXI. As relações de raça, gênero e sexualidade, por exemplo, não se manifestam como entidades distintas e mutuamente excludentes, são categorias que se sobrepõem e funcionam de maneira unificada. Além disso, apesar de geralmente invisíveis, essas relações interseccionais de poder afetam todos os aspectos do convívio social (Collins; Bilge, 2021, p. 17), sendo assim:

> A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Collins; Bilge, 2021, p. 17).

Tudo isso soma-se a um contexto de sociedade regida por uma racionalidade liberal, que tende a buscar formas de invisibilizar as desigualdades estruturais no intuito de promover a construção da ideia de meritocracia e igualdade de oportunidades de forma descontextualizada, ignorando a importância de compreender como os "pontos de partida" são marcados por significados históricos (Brown, 2015). Assim, cada sujeito é colocado à sua própria sorte "para que cada indivíduo se considere detentor de um 'capital humano' que ele deve fazer frutificar, daí a instauração de dispositivos que são destinados a 'ativar' os indivíduos, obrigando-os a cuidar de si mesmos, educar-se, encontrar um emprego." (Dardot; Laval, 2016, p. 224), independente da sua trajetória traçada.

Segundo Gadelha, assim que o neoliberalismo.

> Migrou da economia para outros domínios da vida social e disseminou-se socialmente, ganhou um forte poder normativo, instituindo processos e políticas de subjetivação que vêm transformando sujeitos de direitos em indivíduos-microempresas – empreendedores (Gadelha, 2013, p. 144).

Dessa forma, os sujeitos estão constantemente sob efeitos de subjetivação que também se sustentam nas noções de produtividade, utilizando-se da epistemologia do pertencimento, para os fazer crer que precisam estar o mais perto da norma possível para serem bem-sucedidos. Quanto mais o sujeito atende às exigências e expectativas do modelo social econômico, mais perto da norma, mais pertencente ele se sente, e o contrário também acontece, aqueles que por ventura não se enquadram ou não se curvam aos padrões de normatividade, são afastados da norma, marginalizados. Logo, "podemos dizer que todos os tipos de sujeição são fenômenos derivados, que são meras consequências de outros processos econômicos e sociais: forças de produção, luta de classe e estruturas ideológicas que determinam a forma de subjetividade." (Foucault, 1995, p. 236).

Sob essa ótica, foi possível perceber durante a análise que os principais fatores que levaram os sujeitos entrevistados a evadirem, atravessavam as questões de gênero e sexualidade, seja de meninas e jovens que engravidaram e sofreram o peso do julgamento, da falta de apoio no campo familiar e financeiro, questões que orbitam o trabalho do cuidado, quanto a questões de sexualidade principalmente no que diz respeito à negligência e omissão da instituição escolar que por questões morais, muitas vezes curvam-se ao conservadorismo e se omitem de informar e instruir. De acordo com

Ferraro (2020), "os cursos da área de Ciências da Natureza investem mais sobre a formação específica, no caso do núcleo duro dos conteúdos científicos, do que sobre a formação pedagógica" (p. 31). Isso porque os cursos de ciências da natureza e/ou matemática estão pautados em uma cultura universalizante e utilitarista (Nietzsche, 2003) que visa mais a produtividade dos saberes em caráter objetivo e não subjetivo. Para Ferraro (2020),

> [...] as aulas de ciências [são] consideradas como tradicionais e recorrentes [...] transmissivas, baseadas em estratégias expositivas. Há pouca crítica social produzida pela discussão científica. Sob esta realidade, a ciência continua sendo apresentada pela escola como algo ainda distante das práticas sociais, descolada do cotidiano; não como um empreendimento humano capaz de transformar vidas (2020, p. 32) [grifo nosso].

Diante disso, é imprescindível pensar no ensino da educação em ciências para além dos conteúdos estruturantes, do funcionamento biológico dos órgãos reprodutores, mas pensar no corpo integrado também no contexto social, o que significa ter esse corpo. Grande parte dos entrevistados deixa claro que só vieram a compreender a si mesmos, sobre o espaço que ocupam na sociedade, apenas quando chegam à universidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou entender como a escola, moldada por uma lógica neoliberal e normativa, atua na produção de subjetividades, reforçando padrões que marginalizam aqueles que se distanciam da norma. A partir de relatos de estudantes em situação de evasão escolar, foi possível perceber que fatores como cuidado, gravidez precoce e desigualdade social estão profundamente entrelaçados com as questões de gênero e sexualidade.

Sob uma perspectiva foucaultiana, compreendemos que tais normas não apenas regulam, mas constituem os sujeitos, tornando invisíveis as violências simbólicas sofridas pelos “incorrigíveis”. A escola, ao silenciar corpos dissidentes, contribui para o sentimento de não pertencimento e a reprodução das desigualdades.

Sendo assim, defendemos que é urgente repensar o papel da escola, rompendo com práticas universalizantes e conservadoras. É necessário construir uma educação que reconheça a diversidade, acolha a diferença e forme sujeitos críticos, capazes de resistir às exclusões impostas pelas estruturas sociais vigentes.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares**: As socializações e a escolarização no entretecer dessas culturas..Educ. Soc, Campinas, v. 28, n100, p. 1059-1083, out. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/KsN57fkpqH35MtdpqcHfmZL/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 20, Abr. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BROWN, Wendy. Undoing the Demos: Neoliberalism's Stealth Revolution. New York: Zone Books, 2015.

CAULLEY, Darrel N. Document analysis in program evaluation. Evaluation And Program Planning, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 19-29, jan. 1983.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Rj: Boitempo, 2021

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo:** ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, p. 402, 2016.

FERRARO, José Luís. Michel Foucault para pensar a Educação em Ciências: da crítica à prática. Cadernos Zygmunt Bauman, [s. l], v. 10, n. 24, p. 17-39, 2020. Disponível em https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/15424. Acesso em 11 fev. 2025.

FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder** (1979). Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GADELHA, Sylvio de Souza. Biopolítica, governamentalidade e educação: introdução e conexões, a partir de Michel Foucault. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

GRAMSCI, A. 2002. **Cadernos do cárcere**. Vol. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

GROS, Frédéric. **Desobedecer** . São Paulo: Ubu Editora, 2018.

HENNING, Paula Corrêa; FERRARI, Carolina. **A relação Escola-Estado**: provocações de Nietzsche e Foucault para pensar nossa atualidade. Educação em Revista , [S. l.], v. 38, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/22033. Acesso em: 16 fev. 2025.

LARROSA, Jorge. **Narrativa, identidad y desidentificación** . In: LARROSA, Jorge. La experiência de la leitura. Barcelona: Laertes, 1996. p.461-482.

NIETZSCHE, Friedrich. Escritos sobre educação. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003. P.40-137.

SILVA, Vivian de Jesus Correia. **SOCIEDADE DISCIPLINAR NO PENSAMENTO DE FOUCAULT E A SOCIEDADE DE CONTROLE NO PENSAMENTO DE DELEUZE-GUATTARI**. Sp: Unesp, 29 jun. 2017. Disponível em: https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/aurora/article/view/7050. Acesso em: 16 fev. 2025.

TEIXEIRA, Juliana Cotting; HENNING, Paula Corrêa; VIEIRA, Virgínia Tavares. **Pane no sistema?**: Uma aposta na escola para além das engrenagens modernas. Revista de Educação, Ciência e Cultura, Canoas, v. 26, ed. 2. 2021. Disponível emhttps://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/8138. Acesso em 16 fev. 2025.

VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. **Arqueologia de la escuela**: a maquinaria escolar. Madrid: Ediciones de La Piqueta, 1991. Tradução de Guacira Lopes Louro.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.